

A história da música

DA IDADE MÉDIA AO SÉCULO XX



Otto Maria Carpeaux

A
história
da música

DA IDADE MÉDIA AO SÉCULO XX



Otto Maria Carpeaux

A história da música

DA IDADE MÉDIA AO SÉCULO XX



Otto Maria Carpeaux



FARO
EDITORIAL

Sobre o autor

Renomado crítico e ensaísta da literatura brasileira e universal, Otto Maria Carpeaux nasceu na Áustria, em 1900, e naturalizou-se brasileiro em janeiro de 1944. Estudou ciências exatas (matemática, física e química) na Universidade de Viena, pela qual também se diplomou em filosofia e letras, em 1925. Estudou, ainda, história, sociologia e música. Desde cedo, dedicou-se à literatura e ao jornalismo, e publicou ainda na Europa cinco livros com temas de política a literatura, os quais mais tarde considerou superados.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, deixou a Áustria e foi morar em Antuérpia, na Bélgica, onde trabalhou como redator de um jornal publicado em língua holandesa. Emigrou para o Brasil em 1939. De início, Carpeaux ficou em São Paulo, mas uma oportunidade no jornal *Correio da Manhã* o levou definitivamente para o Rio de Janeiro. Foi diretor da biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia (1942-1944). Em 1942, publicou o seu primeiro livro em língua portuguesa: *A cinza do Purgatório*, de ensaios. De 1944 a 1949, dirigiu a biblioteca da Fundação Getúlio Vargas, e em 1950 tornou-se redator-editorialista do *Correio da Manhã*. A partir de então, passou a colaborar frequentemente nos suplementos literários dos grandes jornais do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre, realizando um notável trabalho de divulgação cultural.

Sua produção de crítico e ensaísta foi uma contribuição importante para a cultura brasileira. Erudito de sólida formação humanística, Carpeaux tinha uma visão global da realidade do nosso tempo. Além do livro já citado, publicou *Origens e fim* (1943), *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira* (1949), *Perguntas e respostas* (1953), *Uma nova história da música* (1958), *Presenças* (1958), *Livros na mesa* (1960), *Literatura alemã* (1964), *História da literatura ocidental* (1959 a 1966), este último uma valiosa contribuição à literatura brasileira e universal.

Carpeaux revelou-se também um dos espíritos mais polêmicos da imprensa brasileira. Foi considerado um discutido e autorizado intérprete dos fatos políticos globais e nacionais. Reeditou as crônicas que publicara nos jornais, formando dois volumes: *Brasil no espelho do mundo* (1964) e *A batalha da América Latina* (1965).

Foi casado com dona Helena Carpeaux, com quem manteve uma sólida relação de parceria e companheirismo. Não teve filhos. Faleceu no Rio de Janeiro, em 3 de fevereiro de 1978, deixando um exemplo de trabalho e dedicação.

Explicação prévia

Prefácio à primeira edição

O presente livro trata da música ocidental: isto é, da música europeia (inclusive, naturalmente, da Europa Oriental) e das Américas. Não trata, porém, da música de outras civilizações, seja da árabe, da indiana, seja da chinesa, a cuja discussão as histórias da música costumam dedicar capítulos introdutórios. No terreno musical, a incompreensão entre as civilizações é recíproca e invencível: veja-se o relativo insucesso das tentativas de introduzir música chinesa na Europa ou música ocidental no Japão. O autor está convencido de que a música, assim como a entendemos, é um fenômeno específico da civilização do Ocidente: essa tese foi afirmada, com argumentos irrespondíveis, por Oswald Spengler, em famosa passagem do *Declínio do Ocidente* (vol. I, p. 231)* e ratificada por Arnold Toynbee (*A Study of History*, vol. II, p. 388; *Um estudo da história*). Em nenhuma outra civilização ocupa um compositor a posição central de Beethoven na história da nossa sociedade; nenhuma outra civilização produziu fenômeno comparável à polifonia de Bach.

Além da limitação geográfica, impôs-se a cronológica: o leitor não encontrará aqui o costumeiro capítulo introdutório sobre a música dos gregos e romanos antigos. A música da Antiguidade não exerceu sobre a nossa a mesma influência da literatura, das artes plásticas e da filosofia gregas. Poucos são os fragmentos dela que subsistem; e não sabemos lê-los com segurança. Com razão observa o grande musicólogo inglês Donald Francis Tovey que “as formas da arte musical foram desenvolvidas pela civilização europeia a partir do século XIV da nossa era” e que “música mais antiga está além da nossa capacidade de compreensão”, pensando, certamente, que o canto-chão gregoriano, que é o mais antigo, nos comove mais religiosa do que esteticamente. E Tovey acrescenta: “Certamente, se equivalente à arte de

* Atualmente, as edições traduzidas da obra de Oswald Spengler levam o título de *A decadência do Ocidente*. (N. E.)

Palestrina, Bach e Beethoven, então nenhuma dificuldade de decifração nos teria impedido de recuperar tanto dela como temos recuperado da literatura grega”.

Não se pode negar o extraordinário interesse histórico que inspiram ao estudioso os começos incertos da música medieval, as canções dos trovadores e a antiga canção popular da qual, nos países da Europa Ocidental, só sobrevivem fragmentos meio degenerados. Tudo isso é de importância capital para o musicólogo. Para nós, são apenas curiosidades, que não têm nada a ver com a música que faz parte da nossa vida.

Acontece, porém, que em muitos livros se dedica espaço excessivo àqueles capítulos introdutórios, de modo que depois faltam páginas para falar em coisas de interesse mais vital para nós. Veja-se, para citar um exemplo, a conhecida *História da música* do musicólogo suíço Karl Nef. Esse livro, muito seguro e bem informado, é um volume de 328 páginas. Dedica seis páginas à música grega antiga, dez páginas à música dos trovadores e nove páginas à canção popular medieval. Depois só lhe restam cinco páginas para tratar de Bach, três para Haydn, quatro para Mozart, cinco para Beethoven, três para Wagner e metade de uma página para Debussy. Foi isso que se pretendeu evitar nesta obra.

Os resultados do amistoso East-West Music Encounter em Tóquio (abril e maio de 1961) e a presença de regentes e concertistas alemães no Japão e no Egito não chegam a desmentir essa afirmação, tampouco servem as indicações como o sucesso do teatro de variedades chamado ópera de Pequim em suas viagens na Europa e América.

Esta história da música é, portanto, deliberadamente incompleta. Excluiu-se tudo que apenas é documento histórico. Só se trata daquela música que ainda vive, pertencente ao repertório das nossas igrejas, das nossas salas de concerto, das nossas casas de ópera, dos nossos círculos de música de câmara e dos nossos discos. Esse repertório foi, aliás, durante os últimos decênios, muito enriquecido pela ressurreição de obras injustamente esquecidas dos séculos XVII e XVIII; e este livro também fala de mais algumas outras obras que merecem e ainda esperam a ressurreição.

Não é, portanto, este volume uma exposição do rio da história, do qual as obras-primas surgem como ilhas; antes pretende ser uma história das obras-primas; só nos intervalos entre elas, aquele rio aparece em função de fio condutor.

Quanto a esse “fio condutor”, também já se pecou muito. Assim como as *Kulturgeschichten*, as “histórias da civilização” costumam tratar de tudo entre o céu e a terra, menos da música, assim muitos historiadores da nossa arte nunca se deram o trabalho de ficar a par da ciência histórica em geral. Satisfeitos com a ordem cronológica dos fatos, pouco se preocupam com a história dos estilos, com as discussões sobre o barroco ou sobre o romantismo. Mas estão apaixonados pela divisão da matéria conforme gêneros — a ópera, a música sacra, a sinfonia, a música de câmara etc. — de tal modo que sub-repticiamente se lhes

perturba a cronologia, com resultados estranhos. No segundo volume de uma conhecida e bastante divulgada *História da música*, de Jules Combarieu, a ordem de alguns capítulos é a seguinte: cap. 55: Rossini (1792-1868); cap. 56: Haydn (1732-1809); cap. 57: Mozart (1756-1791); cap. 58: Weber (1786-1826); cap. 59: Schubert (1797-1828); cap. 60: Beethoven (1770-1827); porque o autor quis tratar da ópera antes da sinfonia. No terceiro volume, porém, a segunda seção é intitulada “*Les Successeurs de Berlioz*”; e os dois primeiros nomes são os de Mendelssohn e Schumann, porque nascidos alguns anos depois de Berlioz; nesse caso prevaleceu o rigor da cronologia contra toda a verdade histórica. São anacronismos. Este livro pretende evitá-los, obedecendo às linhas mestras da *Geistesgeschichte* (“ciência do espírito”), da ciência de Dilthey e Troeltsch, Max Weber e Croce.

A seleção dos nomes e das obras, embora seja extensa, já significa crítica. Faço, porém, questão de declarar que excluí, na medida do possível, as preferências e idiossincrasias pessoais. As opiniões críticas que se encontram neste livro correspondem, de modo geral, ao estado presente da crítica musical e da historiografia da música. Para apoiá-las, servem as indicações bibliográficas, que foram, porém, limitadas ao mínimo indispensável.

Reduzidas ao mínimo também foram as explicações técnicas. Pois este livro não se destina ao músico profissional. Nos últimos tempos, o disco e o rádio têm feito muito para divulgar a boa música — e para semear a insegurança do julgamento. Aos que amam a arte, sinceramente, esta publicação pretende servir de guia: em espaço limitado, o mínimo de informação, mesmo ao preço de uma ou outra página parecer-se com relação seca de títulos de obras; mas sem qualquer pretensão de “ficar completo”. Um guia não pode ser um catálogo nem uma enciclopédia. Assim como as interpretações técnicas, também foram cuidadosamente evitadas as explicações chamadas “poéticas” de obras musicais. Sabe-se muito bem que a palavra não é capaz de traduzir a substância musical; se fosse, não se precisava de música. Desse modo, nenhum livro escrito em palavras poderia jamais encerrar a amplitude e o espírito da única arte cuja linguagem foi criada fora de qualquer imitação da natureza. Só para ela não vale o conceito aristotélico da *mimésis*. É o supremo triunfo do espírito criador humano. Shakespeare já observou (*Much Ado About Nothing*, II/3) esta coisa estranha: umas tripas de um carneiro estendidas sobre um pedaço de madeira podem extasiar a alma do homem. É o violino.

Agradeço à minha mulher, Helena, a colaboração eficiente e conscienciosa na preparação deste volume.

Rio de Janeiro, fevereiro de 1958.

Otto Maria Carpeaux

Prefácio à segunda edição

A primeira edição deste livro foi bem recebida pelo público e pela crítica. O autor agradece a generosidade dos críticos e amigos Andrade Muricy, Antônio Bento, sra. D'Or, Eurico Nogueira França, Francisco Mignone, Franklin de Oliveira, José da Veiga Oliveira, Manuel Bandeira, Oliveiros Litrento, Octavio Bevilacqua, Rangel Bandeira, Renzo Massarani, Sílvio Terrazzi, Theodor Obermann: a generosidade com que receberam o livro e as valiosas observações quanto a omissões e erros, que foram corrigidos nesta segunda edição. As linhas mestras do livro ficam inalteradas. Mas não há, praticamente, página sem emendas ou modificações, que pareciam necessárias ou convenientes. Acrescentei muita coisa, atualizei a bibliografia e reescrevi totalmente as últimas páginas.

Otto Maria Carpeaux